

INVESTIGAÇÃO DA SÍNCOPE EM NA FALA DE ALUNOS DO PROJETO UNABI – UEMA/CESBA – BALSAS/MA

Autora: Isabella Divina Nunes Lazzarin

Hellen Vitória Queiroz de Brito

Luciara Silva Teixeira

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Centro Estudos Superiores de Balsas - CESBA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Maria Célia Dias de Castro

celialeitecastro@hotmail.com

Resumo:

A Síncope da proparoxítona consiste na subtração de uma um fonema da palavra no dialeto coloquial, transformando-a em paroxítona. Então voltamos este estudo ao dialeto maranhense em relação à frequência desse fenômeno, síncope. Na metodologia, utilizamos-nos das imagens de uma árvore, de um médico, de um fósforo e de uma abóbora, sendo todas essas palavras proparoxítonas, para entrevistar pessoas com aproximadamente 70 anos idade, moradores de Balsas-MA. Embasamos nossas pesquisas em Santana e Bezerra (2011) no seu artigo *Variação de proparoxítonas: traços da identidade popular no falar maranhense*, com o objetivo de discorrer sobre as causas da síncope. Também baseamos nossa pesquisa em Câmara Jr (1976) que nos presenteia com *História e estrutura da língua portuguesa* e Marroquim (1945) com *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Verificou-se historicamente que esse fenômeno é herança do latim, a língua que dá origem ao português, onde já havia essa subtração no dialeto vulgar e, ao contrário do que se esperava, que esse fenômeno não é tão recorrente na linguagem espontânea local.

Palavras-chave: Síncope, Maranhense, Proparoxítona.

Introdução

Em um país vasto e plural como o Brasil, não é surpreendente que não obtenhamos uniformidade no falar dos habitantes nativos devido às diversas influências que cada região recebeu durante o período colonial e às mudanças sofridas pelo português de Portugal (PP) ao ter contato com as línguas indígenas, africanas, europeias e de todos os outros imigrantes que aqui começaram a residir.

No entanto, o português formal, a norma culta, rege a fala; e a gramática tende a podar na escrita todos os vícios, expressões e gírias regionais para que, apesar de toda a mistura de línguas, todos nós falássemos o mesmo português (MATTOSO, 2008).

A língua está em constante mudança e são perceptíveis as mudanças quando se comparam a tempos diferentes (Coutinho, 1976). Os metaplasmos são as mudanças das palavras, ou por sonorização, ou vocalização, consonantização entre outros. Pode vir a modificar a palavra de várias formas, através do aumento ou da subtração (Coutinho, 1976). As línguas, de forma geral e em seu período de uso, estiveram sempre sujeitas a modificações.

Assim, a supressão ou síncope de fonemas já era fato fonético no latim e esta tendência foi herdada pelo português brasileiro (PB) como uma língua românica descendente. Sua ocorrência em palavras proparoxítonas (vocábulos onde a antepenúltima sílaba é a tônica) será o objeto de estudo deste trabalho (MATTOSO, 2008). É, portanto, a “subtração de fonema no interior do vocábulo, exs.: *malu* > *mau*, *mediu* > *meio*, *lepore* > *lebre*, *veritate* > *verdade*, **pulica* > *pulga*, *gallicu* > *galgo*, *manica* > *manga*, *opera* > *obra*, *liberare* > *livrar*” (COUTINHO, p.148, 1976).

Metodologia

O corpus deste trabalho é constituído por dados recolhidos na cidade de Balsas, Maranhão, no dia 18/04/2018. Visitamos o local de aula dos idosos do projeto UNABI (Universidade Aberta Intergeracional) da UEMA (Universidade Estadual do Maranhão) na unidade CESBA (Centro de Estudos Superiores de Balsas). Optamos por este grupo em específico pensando em fatores socioculturais como idade, nível de escolaridade e origem (sertaneja ou não).

Encontramos em maioria no recinto colaboradores representantes do sexo feminino, variando a faixa etária entre 70 e 80 anos, de graus de escolaridade entre analfabetismo e semianalfabetismo. O perfil indicava uma grande ocorrência desse fenômeno nesses colaboradores já que a educação formal diminuiria a probabilidade da ocorrência de tal síncope em por ser considerada uma vertente mais marginalizada da língua.

O método escolhido foi a apresentação de imagens como em *flashcards* de modo que os participantes enunciassem um grupo mais seletivo de palavras para que pudéssemos apontar facilmente e de forma mais pontual a ocorrência ou não do fenômeno. A escolha de palavras deu-se após um breve estudo sobre tal classe de palavras, enfatizando aquelas que poderiam sofrer a variação mais facilmente e observando que as imagens tornariam mais fácil reconhecê-las.

Gravamos áudios de cerca de 1 minuto em média, mostrando uma folha contendo as quatro imagens dispostas em anexo, pedindo para que dissessem em sequência quais os nomes davam a cada um dos itens.

Podemos ver os resultados abaixo na tabela, na qual utilizamos letras aleatórias do alfabeto para nomear os participantes; o número em sequência é a idade de cada um e, após o traço, é o gênero do entrevistado, sendo (F) para o sexo feminino e (M) para o masculino. N/R fora usado para quando a imagem não fosse reconhecida pelo participante e obtivéssemos uma palavra diferente.

Corpus da pesquisa, proparoxítona no dialeto maranhense:

Participante A71-M: Abóbora [a`bɔbura]; Médico [õ.mẽj] (N/R); Fósforo [ˈfosfru]; Árvore [ˈayvri].

Participante B73-F: Abóbora [mo`rãga] (N/R); Médico [ˈomĩm] (N/R); Fósforo [ˈfosfuru]; Árvore [ˈayvri].

Participante C75-F: Abóbora [ˈgirimũ] (N/R); Médico [ˈmediku]; Fósforo [ˈfosfu]; Árvore [ˈayvri].

Participante D75-M: Abóbora [a`bɔbura]; Médico [ˈmediku]; Fósforo [ˈfosfu]; Árvore [ˈavri].

Participante E79-F: Abóbora [a`bɔbura]; Médico [ˈmediku]; Fósforo [ˈfosfru]; Árvore [ˈavɾi].

Participante F80-F: Abóbora [a`bɔbura]; Médico [ˈmediku]; Fósforo [ˈfosfuru]; Árvore [ˈayvɔɾi].

Encontramos a pronúncia [a`bɔbura] para a palavra “abóbora”, uma pronúncia predominante, onde não ocorreu a síncope. Na palavra “médico”, encontramos uma pronúncia uniforme sem a ocorrência da supressão de fonemas.

Na palavra fósforo encontramos dois tipos de variação com a ocorrência da síncope [ˈfosfu] e [ˈfosfru].

A ocorrência da pronúncia [ˈavɾi] foi de 2/6, de [ˈayvɾi] em 2/6 e [ˈayvɔɾi], que é a pronúncia mais uniforme, mas também ocorrendo em 2/6, não tornando uma mais encontrada que a outra.

Dessa forma, concluímos que as palavras *abóbora* e *médico* não sofriram tal alteração, a primeira inclusive sofria o efeito contrário e ganhando uma sílaba. Enquanto *fósforo* de fato tivera a maior variação, perdendo sílabas em [ˈfosfu], [ˈfosfru] e ganhando uma sílaba em [ˈfosfuru], revelando a falta de uniformidade dentre os falantes para nomear tal objeto. *Árvore* também teve mais de uma variação entre os entrevistados.

Apesar de a origem induzir à ideia de que o fenômeno ocorreria em grande frequência, devido inclusive à proximidade ao latim, a ocorrência maior foi somente com uma palavra [ˈfosfu], [ˈfosfru] no dialeto desses sertanejos da terceira idade e de baixa escolaridade. Com isso, chegamos a crer que este fenômeno está relacionado às variantes dialetais, de faixa etária e escolaridade, considerando que palavras mais extensas são de menor uso no coloquial e por isso estão sujeitas a síncope. Porém, a frequência não foi tão alta quanto se esperava.

Câmara Jr. (2008) já tinha verificado a maior tendência e incidência de palavras paroxítonas no PB. Marroquim (1945), em seus estudos dos dialetos nordestinos em Alagoas e Pernambuco, percebeu que esse seria um dos maiores motivos para a supressão de fonemas nas palavras proparoxítonas, justamente a sua menor frequência no léxico, tornando tais vocábulos mais difíceis de serem reproduzidos.

Conclusão

É possível dizer então que a síncope não é *exclusiva*, a sua ocorrência, de fatores sociolinguísticos como a falta de participação das falantes no processo educacional formal ou apenas por questões dialetais ou etárias, mas estes são considerados fatores de peso dentro da análise.

Essa variação, que não foi tão ocorrente como esperávamos, é coloquial, sendo utilizada em uma fala muito espontânea e não podendo assim termos registro de falantes mais instruídos e que utilizam às vezes a fala formal ou/e a escrita.

Referências

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1945.

SANTANA, Arthur; BEZERRA, José de Ribamar. **Varição de proparoxítonas**: traços da identidade popular no falar maranhense. 2011. 15 p. Artigo (Letras)- Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2011. Disponível em: <<http://www.linguagemidentidades.ufma.br/publicacoes/pdf/4variacao%20de%20proparoxitonas.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.